DEMONIZAÇÃO: A INTOLERÂNCIA REAVIVADA NO CAMPO RELIGIOSO NACIONAL

Maria Clara Ramos Nery*

A intolerância religiosa, não se constitui, explícita ou implicitamente numa modificação das relações estabelecidas no campo religioso. O que ocorre em nosso entendimento é que de acordo com determinações históricas ela dota-se ora de maior, ora de menor visibilidade. O que estamos presenciando no contexto do campo religioso nacional da atualidade é o reavivar desta intolerância religiosa no confronto entre neopentecostais e afro-brasileiros, confronto este principalmente deflagrado pela IURD, expresso pela demonização das entidades espirituais constituintes do universo simbólico das religiões afro-brasileiras.

Este processo de intolerância religiosa deflagrado pela Universal, expressa o dualismo presente no universo cristão de representações simbólico-religiosas, onde os demônios encontram-se relacionados com o mal, com a desordem e os deuses com o bem, com a ordem. Ele se instaura a partir de uma **impossibilidade**, ou seja, tomando-se por base o caso brasileiro, a impossibilidade que a Igreja Universal do Reino de Deus encontra de anular no espaço do campo religioso, o poder exercido no imaginário coletivo pelas entidades espirituais afro. É, neste sentido que entendemos como significativas as palavras de Ari Oro (1997), quando afirma que: "*A Universal não nega a existência das entidades afro-brasileiras, mas modifica seu significado*". Modifica-os porque os reconhece e não os pode abolir.

Não estamos diante de um fato novo no cristianismo, mas simplesmente diante de uma nova nuance da intolerância religiosa pela demonização que, "*acompanha o processo de elaboração progressiva da doutrina cristã*" (Nogueira, 1986: 20), ou citando ainda o referido autor: "*Impossibilitado de anular o poder das entidades pagãs, o Cristianismo pode apenas reduzi-las a condição*

* Maria Clara Ramos Nery é professora e mestranda do curso de PPG-SOCIOLOGIA, da UFRGS.

de crenças deformadas, considerando que mesmo aqueles que as cultuavam de boa fé, estavam cultuando o demônio". Entendemos, que estamos na atualidade, diante do que podemos denominar de "*procedimento discursivo*" inerente ao universo de representações cristão.

A demonização é um recurso estratégico, diante de um "*confronto belicoso*" (ORO, 1997) estabelecido no campo religioso nacional, que explicitamente adota a IURD para reverter em seu favor forças que lhe são antagônicas (o poder que dispõem no imaginário coletivo principalmente as entidades espirituais afro-brasileiras) num contexto de confronto religioso para a conquista de adeptos. A demonização é, como nos afirma Ari Oro (1997) "*um recurso simbólico posto em prática por religiões que competem entre si para arregimentar fiéis e para se impor legitimamente*".

Entendemos significativo, no contexto do presente trabalho, tentarmos verificar uma nova dimensão presente na legitimação religiosa de que nos fala Ari Oro.

A legitimação religiosa que permite o estabelecer de uma estrutura de plausibilidade do mundo, encontra seu antagonista na negação da ordem estabelecida no caos, na realidade do demônio e este enquanto representação do mal, da negação da estrutura de plausibilidade, que permite uma leitura específica do mundo vivido, constituinte dos agentes religiosos, deve ser destruído uma vez que constitui-se sempre enquanto prenúncio de desintegração, de anomia, que deve ser entendida na sua significação "berguiana" de rompimento da relação dialógica com o mundo por parte de indivíduos e grupos.

A demonização, enquanto "*recurso simbólico*" e prática discursiva, contém em si a significação de ser o "*esvaziamento do significado do discurso do outro*" (PINTO, 1985: 65) e é justamente esta estratégia que permite à IURD a realização da modificação do significado principalmente das entidades espirituais afro-brasileiras. Este movimento realizado pela Universal é característico, segundo Margarida Oliva (1997) de seu "*comportamento de apropriação*" que lhe permite incorporar e resignificar práticas discursivas e não-discursivas que lhe são opostas, demonstrando a eficácia dos mecanismos e estratégias por ela utilizados, pois: "*o êxito da interpelação se revela na capacidade de um discurso de ocupar*

espaços no mundo das significações que constituem os sujeitos aas quais se dirige"(PINTO,1989:42).

Inegavelmente, encontramos-nos diante do reavivar de confrontos religiosos, de "guerra santa" de intolerância religiosa. Salientamos que a demonização exercida por parte da IURD sobre, principalmente, as religiões mediúnicas, não pode ser compreendida fora do atributo da violência, pois é esta que renasce no espaço do campo religioso nacional, na medida em que a entendemos enquanto desqualificação do outro. Este procedimento é a força propulsora das práticas de exorcismo/libertação que arrasta significativo contingente da população brasileira aos templos da Universal.

A centralização na desqualificação das representações e entidades das religiões mediúnicas demonstra, em nosso entendimento, que a IURD utiliza-se, apropria-se, para legitimação do exorcismo das manifestações psíquicas e emocionais constituintes destas religiões que por sua vez possuem no "transe mediúnico" o seu atrativo. O transe mediúnico contém elevado nível de emocionalidade, a prática do exorcismo da mesma forma. Ambas as práticas por uma relação mais intensa com o "sagrado" acabam constituindo sujeitos que serão os seus adeptos, pois encontram através desta emocionalidade intensa as ferramentas psíquicas que lhes permitem o restabelecimento de uma ordem plausível do mundo. Neste sentido, entendemos como lógica a Universal eleger as religiões mediúnicas como o centro de suas desqualificações, pois ela necessita do nível de emocionalidade que somente as religiões de possessão possuem, para sua manutenção e desenvolvimento no campo religioso nacional.

Duas questões em nosso entendimento se fazem necessárias:

a) Quais as condições de emergência desta intolerância religiosa que possui na demonização sua força motriz deflagrada pela IURD?

b) Quais as condições de recepção por parte dos indivíduos da prática discursiva e não-discursiva da IURD que instaura um clima de intolerância religiosa?

O crescimento da IURD no campo religioso nacional não se encontra distanciado das determinações das condições objetivas de uma sociedade gerida por uma economia de mercado globalizada e excludente, que favorece a que indivíduos e grupos busquem formas

alternativas de reincorporação social. cremos que as condições de emergência desta intolerância religiosa, bem como do próprio crescimento da Universal, têm como sua força propulsora, seguindo-se Pierucci e Prandi: *"um momento de aceleração do processo de mudança social das últimas décadas, mudança sempre secularizante, mas extremamente excludente, promissora mas frustrante, massificada, fragmentária, dissociativa"* (1996: 6).

Margarida Oliva (1997), esclarece que o demônio combatido pela Igreja Universal do Reino de Deus é autóctone, é consequência das determinações presentes no contexto social, que leva ao renascer da ação demoníaca e da prática do exorcismo e, citando em seu trabalho Paul Freston, constata os seguintes fatores explicativos que resumidamente são: a) desejo de diferenciação; b) reflexo da realidade social dos anos 80, quando se inicia ao período recessivo e, c) declínio do Catolicismo e crescimento da Umbanda.

São as condições objetivas da realidade social brasileira as fontes originárias da intolerância religiosa instaurada, pois entendemos que as representações religiosas são perpassadas pelos conteúdos das relações sociais não sacrais.

Com relação à segunda questão: é essencial perceber a relação de interdependência existente entre fragmentação das entidades culturais e processos de desorganização social, que retira referenciais e gera *"perda de padrões comportamentais"* (Rolim, 1985), perda de padrões estes relacionados com a desintegração de uma *"estrutura de plausibilidade"*, definida por Berger como *"a base social que requer o mundo do sagrado e do profano, para continuar a sua existência como um mundo que é real para os seres humanos reais"* (1985: 58), a qual explique, oriente, organize e reorganize o mundo do homem individual e coletivamente.

Esta perda de uma estrutura de plausibilidade, constituinte de *"um sentimento de crise generalizada da ordem social, afeta a consciência dos indivíduos, gerando estados de ansiedade, de insegurança e de agressividade"* (FERNANDES, 1995: 38), onde o sentimento predominante é o estar a dizer: *"já não sei quem sou e nem qual é o meu lugar"*, criando processos diversificados onde o sentido de vida e do mundo vivido seja restabelecido.

A IURD com sua ênfase na cura, no exorcismo e na prosperidade, está se constituindo no *"espaço aglutinador"* destes

indivíduos, mas como novamente nos diz Fernandes: "*As ameaças reais ou supostas, atuais ou iminentes provocam um fechamento que impede o relacionamento social*" e, diríamos, instaura a intolerância e a violência da desqualificação do outro, para a manutenção da significação do "espaço aglutinador" que de alguma forma restabeleceu ao indivíduo uma estrutura plausível do mundo, uma "armadura" diante do perigo iminente de sua desintegração, reconstituindo uma "ordem significativa à realidade" (BERGER, 1985).

O adepto da IURD, nela encontra "aquilo que o mundo profano não lhe dá" (Pierucci e Prandi, 1996), mas que ele necessita objetiva e subjetivamente , levando-o a aceitar como verdadeira e inquestionável a prática discursiva da demonização das religiões afro, das religiões de possessão bem como a interiorizar a intolerância que a prática da demonização suscita.

Em seu trabalho intitulado: Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencera esta guerra? Ari Pedro Oro estabelece, com depoimentos de pais-de-santo que possuem forte liderança nas religiões afro, que a descentralização assume significação tão relevante que, "nem mesmo a possibilidade de eleger um inimigo comum, como o neopentecostalismo, os une". Tal sua dificuldade de aglutinação em termos institucionais.

A abordagem de Oro nos permite refletir acerca do universo de representações simbólico-religiosas afro, no qual encontramos, seguindo-se Renato Ortiz (1991), referindo-se à Umbanda e não distanciado dos procedimentos das religiões afro-brasileiras, um emaranhado de linhas hierarquizadas, uma multiplicidade de práticas religiosas, um universo caótico de ritos. Queremos aqui estabelecer que o universo de representações afro e umbandista é fragmentário e, entendemos que esta fragmentação, perpassa e constitui as práticas dos indivíduos e grupos. Entendemos que é necessário verificar-se a fragmentação institucional, destas religiões, como também constituída por um repertório de ações coletivas determinado por seu universo de representações religiosas, marcado pela descentralização.

Como aglutinar forças se o repertório professado não permite esta aglutinação? Encontramo-nos num espaço de intensa controvérsia religiosa, mas uma controvérsia "entre iguais que

partilham além do mesmo nível social, dos mesmos códigos simbólicos e cognitivos" (ORO, 1997). Iguais que se encontram num mundo urbano-industrial, de economia globalizada, com suas múltiplas determinações objetivas e subjetivas, que denotam antes de tudo, seguindo-se Corten (1996), transformações que estão se estabelecendo no âmbito da religiosidade popular, que está tornando o discurso religioso das instituições tradicionais (principalmente Protestantismo e Catolicismo) ineficaz, enquanto construtores de uma ordem plausível do mundo para grande contingente da população brasileira.

Nesta controvérsia, todos os segmentos religiosos nela contidos, sofrerão as consequências que os submeterão à adequações, ajustes, ressignificações, consagrando uma nova configuração ao campo religioso nacional.

Referências Bibliográficas

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo. O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1996.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo. Ática, 1986.

OLIVA, Margarida. *O Diabo no Reino de Deus. Por que proliferam as seitas?* São Paulo, Ed. Musa, 1997.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. São Paulo. Brasiliense, 1991.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Com a palavra o Presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo. Hucitec, 1989.